

**parte**

---



---

**Teoria dos Mecanismos  
de Defesa**

# O Ego como Sede de Observação

---

# 1

## DEFINIÇÃO DE PSICANÁLISE

Houve períodos no desenvolvimento da ciência psicanalítica em que o estudo teórico do ego individual foi nitidamente impopular. De uma maneira ou de outra, muitos analistas conceberam a idéia de que, na análise, o valor do trabalho científico e terapêutico realizado estava na proporção direta da profundidade das camadas psíquicas sobre as quais incidia a atenção. Sempre que o interesse era transferido das camadas psíquicas mais profundas para as mais superficiais – quer dizer, sempre que a pesquisa era desviada do id para o ego – via-se aí um princípio de deserção em relação à psicanálise como um todo. A opinião sustentada era de que o termo *psicanálise* devia ser reservado para as novas descobertas relativas à vida psíquica inconsciente, isto é, o estudo das moções pulsionais recalcadas, dos afetos e das fantasias. A psicanálise não tinha por que se interessar, propriamente, por problemas como o da adaptação de crianças e adultos ao mundo exterior, por conceitos de valor como os de saúde e doença, virtude e vício. Devia confinar suas investigações, exclusivamente, às fantasias infantis que foram transmitidas à idade adulta, às gratificações imaginárias e às punições concebidas em retribuição daquelas.

Semelhante definição de psicanálise encontra-se, não raras vezes, nos escritos analíticos e talvez se justifique pelo uso corrente que sempre tratou a psicanálise e a metapsicologia como termos sinônimos. Além disso, havia no passado uma certa justificação para tal atitude, visto poder-se afirmar que, desde os primeiros anos da nossa ciência, a sua teoria, construída como fora em uma base empírica, era predominantemente uma psicologia do inconsciente ou, como hoje diríamos, do id. Mas a definição perde imediata-

mente todas as pretensões de rigor e exatidão, quando a aplicamos à terapia psicanalítica. Desde o começo, a análise, como método terapêutico, preocupou-se com o ego e suas aberrações: a investigação do id e de seus processos de funcionamento foi sempre um meio, apenas, para se alcançar um fim. E o fim era invariavelmente o mesmo: a correção dessas anormalidades e a recuperação do ego, em sua integridade.

Quando os escritos de Freud, a partir de *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* e *Além do Princípio do Prazer*, tomaram uma nova direção, a reprovação geral da heterodoxia analítica deixou de visar ao estudo do ego e o interesse foi definitivamente voltado para as instâncias do ego. Desde então, o termo “metapsicologia” deixou certamente de abranger todo o campo da pesquisa psicanalítica. Atualmente, definiríamos a tarefa da análise da seguinte maneira: adquirir o máximo conhecimento possível de todas as três instâncias que acreditamos constituírem a personalidade psíquica e aprender quais são as suas relações mútuas com o mundo externo. O que significa: em relação ao ego, explorar o seu conteúdo, suas fronteiras e funções e apurar as influências no mundo externo, no id e no superego pelas quais foi moldado; e, em relação ao id, dar uma explicação das pulsões, isto é, do conteúdo do id e acompanhar as transformações por elas sofridas.

## **O ID, O EGO E O SUPEREGO NA AUTOPERCEPÇÃO**

Todos sabemos que as três instâncias psíquicas variam imensamente em sua acessibilidade à observação. O nosso conhecimento do id – a que se dava antes o nome de inconsciente – só pode ser adquirido através de derivados que abram caminhos e se apresentem nos sistemas pré-consciente e consciente. Se, dentro do id, prevalecer um estado de calma e satisfação, de modo que não se verifique qualquer oportunidade para uma moção pulsional invadir o ego em busca de gratificação e aí produzir sentimentos de tensão e desprazer, nada poderemos aprender sobre o conteúdo do id. Segue-se, teoricamente, pelo menos, que o id não é acessível à observação, sob todas e quaisquer condições.

A situação é diferente, claro, no caso do superego. O seu conteúdo é, em sua maior parte, consciente e podemos, assim, alcançá-lo diretamente através da percepção endopsíquica. Não obstante, a nossa imagem do superego tende sempre a se tornar confusa e enevoada, quando existem relações harmoniosas entre ele e o ego. Dizemos, então, que os dois coincidem, isto é, em tais momentos o superego não é perceptível como instância separada, nem por parte do próprio sujeito, nem por um observador externo. Seus contornos só se tornam claros quando enfrenta o ego com hostilidade ou, pelo menos, com criticismo. O superego, tal como o id, passa a ser perceptível no estado que gera dentro do ego: por exemplo, quando a crítica suscita um sentimento de culpa.

## O EGO COMO OBSERVADOR

Nesse caso, significa que o nosso campo adequado de observação é sempre o ego. Constitui, por assim dizer, o meio pelo qual tentamos obter uma imagem das outras duas instâncias.

Quando as relações entre as duas potências vizinhas – ego e id – são pacíficas, a primeira desempenha admiravelmente o seu papel de observadora da segunda. Várias moções pulsionais estão perpetuamente forçando sua introdução no ego, a partir do id, para ganharem acesso ao aparelho motor, por meio do qual obtêm gratificação. Nos casos favoráveis, o ego não faz objeções aos intrusos, mas coloca suas próprias energias à disposição, limitando-se, por sua vez, a perceber; assinala o desencadear da moção pulsional, o aumento de tensão e os sentimentos de “dor” que a acompanham e, finalmente, o alívio de tensão quando é obtida a gratificação. A observação de todo o processo propicia-nos uma imagem clara e sem distorções da moção pulsional que estiver em jogo, da quantidade de libido libertada no investimento e a finalidade a que visa. O ego, se consentir no impulso, não participará, de maneira alguma, dessa imagem.

Infelizmente, a transferência de moções pulsionais de uma instância para outra poderá ser o sinal para conflitos de toda a espécie, com o inevitável resultado de que a observação do id é interrompida. No seu trajeto para a gratificação, os impulsos do id têm de cruzar o território do ego, onde se encontram em uma atmosfera estranha. No id predominam os chamados “processos primários”. Não há, dessa forma, uma síntese de idéias. Os afetos são suscetíveis de deslocamento, os opostos não se excluem mutuamente – e podem até coincidir – e a condensação ocorre como questão rotineira. O princípio soberano que governa os processos psíquicos é o de obtenção de prazer. No ego, pelo contrário, a associação de idéias está sujeita a condições rigorosas, às quais aplicamos a expressão global de “processo secundário”. Além disso, as moções pulsionais já não podem buscar com facilidade sua gratificação, sendo-lhes exigido que respeitem os imperativos da realidade e, mais do que isso, que se conformem às leis éticas e morais por cujo intermédio o superego procura controlar o comportamento do ego. Logo, esses impulsos correm o risco de provocar o desprazer de instâncias que lhes são essencialmente alheias. Estão expostos a críticas e rejeição, tendo de submeter-se a todas as espécies de modificações. As relações pacíficas entre as potências vizinhas estão no fim. As moções pulsionais continuam esforçando-se por conseguir seus fins, com a tenacidade e a energia que lhes é peculiar e efetuam incursões hostis no ego, na esperança de o derrubarem por um ataque de surpresa. O ego, por seu turno, torna-se desconfiado e trata de contra-atacar, invadindo o território do id. Seu propósito é colocar as pulsões permanentemente fora de ação, por meio de medidas defensivas apropriadas, designadas para garantir as próprias fronteiras.

A imagem desses processos, que nos é transmitida através da faculdade de observação do ego, é mais confusa, mas, simultaneamente, muito mais valiosa. Mostra-nos duas instâncias psíquicas em ação no mesmo instante. Deixamos de ver um impulso do id sem distorções mas, igualmente, um impulso do id modificado por certas medidas defensivas, por parte do ego. A tarefa do observador analítico é dividir a imagem, dado que representa, de fato, um compromisso entre as várias instâncias separadas, em suas parcelas componentes: o id, o ego e, talvez, o superego.

### **INCURSÕES DO ID E DO EGO, CONSIDERADAS COMO MATERIAL PARA OBSERVAÇÃO**

Em tudo isso, somos impressionados pelo fato de que as incursões de um lado e de outro não são, de modo algum, igualmente valiosas, do ponto de vista da observação. Todas as medidas defensivas do ego contra o id são levadas a efeito silenciosas e invisivelmente. O máximo que podemos fazer, em qualquer caso, é reconstituí-las em retrospecto: não podemos realmente testemunhar a sua ação. Essa afirmação aplica-se, por exemplo, ao recalçamento bem-sucedido. O ego nada sabe a esse respeito. Nós só tomamos conhecimento do recalçamento quando se torna evidente que está faltando alguma coisa. Isso significa que, quando tentamos formar um juízo objetivo sobre determinado indivíduo, percebemos a ausência de certos impulsos do id, cujo aparecimento no ego seria de se esperar, em busca de gratificação. Se não emergirem, em momento algum, só poderemos então partir do princípio de que lhes foi negado permanentemente o acesso ao ego, isto é, que tais impulsos sucumbiram ao recalçamento. Mas isso nada nos explica sobre os processos de recalçamento propriamente ditos.

O mesmo se pode dizer, na verdade, a respeito da formação reativa bem-sucedida, que é uma das mais importantes medidas adotadas pelo ego, como proteção permanente contra o id. Tais formações aparecem, quase sem se anunciarem, no ego no decorrer da evolução infantil. Não podemos afirmar sempre que a atenção do ego estava previamente focalizada naquela dada moção pulsional contrária que a formação reativa substituiu. Regra geral: o ego nada sabe sobre a rejeição do impulso ou sobre o conflito geral que resultou na implantação de uma nova característica. Os observadores analíticos poderiam facilmente tomá-lo como um desenvolvimento espontâneo do ego, se não fossem as indicações definidas de exagero obsessivo sugerirem que essa nova característica é da natureza de uma reação e oculta um conflito de longa duração. Também nesse caso a observação de determinado modo de defesa nada revela sobre o processo por meio do qual ela evoluiu.

Notamos que todas as informações importantes que possuímos foram adquiridas mediante o estudo de incursões no lado oposto, ou seja, do id no ego, por exemplo. A obscuridade de um recalçamento bem-sucedido só é

igualada pela transparência do processo repressivo quando o movimento é invertido, isto é, quando o material recalçado retorna, como se pode observar na neurose. Nesse caso, podemos apurar todos os estágios do conflito entre a moção pulsional e a defesa do ego. Do mesmo modo, a formação reativa pode ser mais bem estudada quando tais formações estão em processo de desintegração. Nesse caso, a incursão do id assume a forma de um reforço do investimento libidinal da primitiva moção pulsional que a formação reativa escondia. Isso habilita o impulso a forçar seu caminho para a consciência e, durante algum tempo, a moção pulsional e a formação reativa são visíveis, lado a lado, no ego. Em virtude de outra função do ego – a sua tendência para a síntese –, esse estado de coisas, que é particularmente favorável à observação analítica, dura apenas alguns momentos de cada vez. Então, surge um novo conflito entre o derivado do id e a atividade do ego. É um conflito que decide qual dos dois irá predominar e que espécie de compromisso será adotado. Se, por meio do reforço de seu investimento energético, a defesa estabelecida pelo ego for coroada de êxito, a força invasora do id é derrotada e a paz reina uma vez mais na psique – uma situação extremamente desfavorável às nossas observações.